

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

S. GUALTER DE GUIMARÃES. ENSAIO BIOGRÁFICO.

GONÇALVES, Aloísio Tomás

Ano: 1923 | Número: 33

Como citar este documento:

GONÇALVES, Aloísio Tomás, S. Gualter de Guimarães. Ensaio biográfico. *Revista de Guimarães*, 33 (1) Jan.-Mar. 1923, p. 39-46.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

S. GUALTER DE GUIMARÃES

ENSAIO BIOGRÁFICO

III

Aproximando-se de Portugal vem já os santos missionários Zacarias e Gualter.

Deixaram para trás, espalhados por terras de Espanha, a maior parte dos companheiros de viagem. Agora sòzinhos, avançam a largas jornadas, ansiosos por contemplar o campo que da Vinha do Senhor em sorte lhes tocou.

Era a estação calmosa. As terras ardião, calcinadas pelos grandes calores de Agosto. Por essas intermináveis e desoladas campinas de Castela e Estremadura, cobertas de restólho sêco, donde os raios do sol se reflectiam dardejando, erraram dias e dias, atormentados da sêde, extenuados do cansaço, faltos de todo o necessário.

Mencionámos já o testemunho do cronista da Província de Portugal, P.^o Mauuel Esperança, sôbre as dificuldades de todo o género que encontravam os que, vindo de Itália, penetravam na Península Ibérica. Sôbre elles caía, de ordinário, a *nota de herejes* que os tornava suspeitos aos olhos do povo.

E não sem razão; porque tôda a Europa central era assolada pela heresia, que à paz e tranqüilidade da Igreja movia crua guerra. E a História veio confirmar a opinião contemporânea que acusava os herejes medievais de inúmeros e abomináveis crimes. Tomavam diversos nomes, segundo os lugares e as circunstâncias:

chamavam-se *búlgaros* ou *publicanos*, nas margens do Reno; *patarenos* ou *gazarinos* na Lombardia; *cátaros* ou *albigenses* no sul da França. Os bispos e clero ortodoxo andavam justamente alarmados, não cessando de anunciar aos povos que se acautelassem dos lobos, que em pele de ovelhas se apresentavam para melhor prosseguir em seus danados intentos. E ensinavam-nos a temer-se de falsos devotos, que como *Pedro de Vaud*, o fundador dos «*Pobres de Lyon*», se insinuavam artelramente, sob capa de virtude, autorizada pelo abandôno aparente das coisas do mundo e blasonada pobreza evangélica, guerreavam a Igreja Católica, e eram dela os piores inimigos.

Se mesmo em Roma, onde, de olhos atentos e perspicazes, se ia seguindo o desenvolver da nova sociedade fundada por Francisco, foi esta, juntamente com o seu fundador, suspeita de qualquer contágio herético, e que admira tê-lo sido, e seus membros havidos por herejes, e por vezes condignamente tratados, cá por longe, onde tudo chega sempre deturpado? Para mais, sabido é o horror instintivo que os habitantes de àquem-Pirineus sentem contra as inovações na Fé de seus maiores, e com quanta obstinação se opuseram, desde que o Cristianismo aqui foi estabelecido, a prêgadores de doutrinas estranhas.

Ora como para muitos, tudo quanto de Itália procedia, por aquelas épocas, e que não trouxesse a autêntica e indubitável marca da Igreja, havia de ser forçosamente herético, não é para admirar serem tidos e havidos por herejes os pobres Minoritas, sofrendo, em consequência do equívoco, os maus tratos da plebe.

Falavam uma língua estranha, por poucos conhecida; seu traço era nunca visto; suas maneiras e modo de vida não se pareciam com os dos outros monges; a vida errante; o fervor de prêgação, que os levava a dirigirem-se ao povo, fôsse onde fôsse, nas praças, nas ruas, onde quer que vissem um grupo de pessoas reunidas — traziam alarmados pastores e fiéis.

Até na própria Alemanha, nação tam inconstante na ortodoxia, a missão que lá fôra mandada pelo seráfico Padre, teve que voltar sem outro fruto se não o da paciência pelos maus tratos, pancadas, fomes e sêdes que sofreram.

Foi para obviar a tais desastres que S. Francisco recomendou os dois discípulos à mulher de Afonso II, a piedosa rainha D. Urraca, em quem já êle encontrara, em 1214, sincera amizade e proficuo valimento. ⁽¹⁾

Ao Rei e à Rainha se apresentaram Zacarias e Gualter, remetendo-lhes a apostólica carta circular, que, a páginas 305 desta revista ⁽²⁾, publicámos.

Grande foi a alegria da devota Rainha com as notícias do seu santo amigo. Para satisfazer a saúde curiosa, reteve os mensageiros em sua companhia, durante alguns dias.

E' de presumir que instasse com êles a que ficassem em Coimbra, onde lhes ofereceu protecção e morada, para que vivessem segundo a sua vocação.

Agradecendo as oferecidas liberalidades, recusaram aceitá-las. Zacarias sem motivo que até nós chegasse; Gualter porque trazia encargo de se dirigir à vila de Guimarães, para onde efectivamente partiu, e onde chegou no outono de 1216.

Com êle vieram, conforme tôdas as probabilidades, fundadas nos costumes dos primeiros frades menores, alguns companheiros, cujo número ou nome a tradição não guardou.

Munidos, ou talvez precedidos da recomendação da Rainha de Portugal, fizeram a sua entrada na vila, dirigindo-se à primeira igreja que encontraram, onde fizeram larga oração. Dali foram em busca do hospital,

⁽¹⁾ Alguns escritores negam que S. Francisco se avistasse com D. Urraca. Razões fúteis são as que apresentam para estribar a sua negativa. Seguimos de preferênciã os antigos Cronistas, que autorizam a tradição. Na verdade parece fora de dúvida que o Santo falou com Afonso VII de Castela (Vid. *Bol. Mens.*, An. VII, pág. 145) em Burgos; que, tendo adoecido, quando se dirigia dali para a fronteira mourisca, tomou a resolução de ir em romaria a Santiago de Compostela; que, para lá ir, elegeu a via de Portugal, dirigindo-se à Guarda e a Coimbra, onde desejava ver o herói principal da batalha das Navas, predicado sedutor para o antigo sonhador de glórias militares. Ora, mas se a Francisco seduzia o brilho da glória militar, muito mais o atraíam os doces fulgores das virtudes de D. Urraca. Nem esta consentiria em privar-se da conversação dum homem, que por tam insólito motivo — o de converter mouros à Fé de Cristo — viera lá desde as longinquas paragens italianas, por meio de tantas fadigas e perigos.

⁽²⁾ *Boletim Mensal das Famílias Católicas*, Janeiro de 1915.

conforme às exortações de S. Francisco que recomendava, e disso dava exemplo, que, onde quer que chegassem, servissem os pobres e enfermos, e procurassem os hospitais.

A presença dos bons frades dentro dos muros da vila logo foi notada e comentada. Quem seriam? A que viriam?

Levados à presença dos magistrados, foram examinados miudamente sôbre a sua fé, a sua procedência; os fins que ali os levavam.



BUSTO-RELICÁRIO DE S. GUALTER
CONSERVA-SE NA SACRISTIA
DA IGREJA DE S. FRANCISCO
(GUIMARÃES)

Quando, pelas respostas de Gualter, vieram no conhecimento de que eram enviados da-quele peregrino italiano, que, dois anos antes, resuscitara a filha do caridoso homem que o tinha hospedado, a desconfiança mudou-se-lhes em alegria.

Na pacatez insulada da velha praça-forte, onde poucas notícias vinham quebrar a monotonia das habituais conversações, caiu a notícia, produzindo alvoroço.

Todos corriam ao *Hospital do concelho* a prestar devota homenagem a Gualter, e a satisfazer a excitada curiosidade. Ele porém, que não estava acostumado a tantas provas de veneração, nem tam pouco estava apto a responder às perguntas que era de uso fazerem-se a quem vinha de tam longes terras, das bandas de Jerusalém, da pátria do Apostólico ⁽¹⁾, e que temia perder a quietação do seu espírito,

(1) Nesses remotos tempos, em que tam difficilmente se obtinham notícias, e as communicações entre povos e povos eram pouco menos que impraticáveis, onde quer que chegasse peregrino ou viajero, immediatamente era assediado com perguntas; dando-se todavia muito mais crédito aos dizeres do primeiro do que aos do segundo,

e a apetência para a oração, naquele borborinho e tropel de gentes, pôsto que devotas, ociosas, procurava esquivar-se, ocultando-se nos templos, ou saíndo aos campos.

E quando veio ao ponto de aceitar um lugar para viver, escolheu-o retirado da vila, obra de dois quilómetros, na falda dum monte, para onde o acesso era difícil e penoso.

Aí, em sítio ameno e solitário, ainda hoje conhecido pelo nome de *Fonte Santa* ou *de S. Gualter*, em memória do illustre filho de S. Francisco, na encosta do monte de S.^{ta} Catarina, junto das claras águas dum regato, em cela feita de ramos se recolheu a continuar a vida meio eremítica, que na Úmbria praticavam os Irmãos Menores.

Na fundação do eremitério teria o fiel e saudável discípulo bem presentes as regras que o Mestre não cessava de repetir :

«Em primeiro lugar — ensinava S. Francisco — não devem os frades aceitar mais terreno do que o estritamente necessário.

«Em segundo lugar, não devem edificar sem permissão do bispo, *porque o Senhor chamou-nos para ajudar os padres da Igreja Romana.*

«Obtida licença, devem os frades abrir um fôssô profundo, para limitar o terreno, e, por detrás do fôssô, plantar uma sebe; e nunca devem construir muros.

«As celas devem ser construídas de ramos entrelaçados, rebocados de barro; e a igreja não deverá ser de grandes dimensões, mas pequenina e pobrezinha.» (1)

porque, sendo pessoa que por motivo sobrenatural se dava à difícil e trabalhosa penitência de recorrer terras, presumia-se que fôsem verdadeiras as suas narrativas.

Quando pois corria voz de que à terra tinha chegado peregrino, imediatamente as primeiras famílias mandavam em busca dêle, para lhe oferecer agasalho; movidas de devoção, em parte, e em parte, movidas da curiosidade, e na expectativa de entretidos serões na narrativa de aventuras miraculosas, de coisas extraordinárias, sôbre Jerusalém, a Terra Santa, Roma e mais lugares célebres da Cristandade e da Moirama.

Apostólico era uma denominação mui comum do Papa.

(1) *Speculum Perfectionis*, cap. X.

Era ajustado a êste plano o eremitério que o próprio S. Francisco fundou junto da capela de S.^{ta} Maria dos Anjos, ou *Porciúncula*, do qual escreve Tomás de Celano «constar de umas simples cabanas feitas de ramos e barro, recobertas de fôlhas.

«As camas, eram sacos cheios de palha. Mesa e cadeiras, eram a terra nua. Fechava o cerrado em volta, uma paliçada.»

Durante algum tempo repuseram-se da forçada distracção de espirito, que as peripécias da viagem e os incidentes da chegada tinham causado. A êsses primeiros dias devem referir-se as palavras do cronista Esperança: «Comião das esmolos com que vinham visita-los os deuotos sem elles as procurarem, e aproveitando-se da fonte, della bebiam e nella lauauam as suas tunicas, em uma pia ⁽¹⁾ de pedra, a qual se achou á *(sic)* poucos annos, e serve agora na mesma fonte de tanque medecinal, onde muitos enfermos se banham e alcançam saude.» ⁽²⁾

Refeitos, porém, da viagem, e entrados de novo na quietação jubilosa do seu viver quotidiano, começaram a repartir o tempo entre a contemplação, a prêgação e o trabalho manual. Durante o dia desciam da tranquillidade do seu retiro à vila, dirigiam-se ao hospital, onde ofereciam os seus serviços, de bom grado aceitos, ou saíam aos campos a ajudar os homens em seus labores, segundo o que se lia na Primeira Regra que S. Francisco ditou: «Os frades que souberem trabalhar, trabalhem e exerçam aquella arte que tiverem aprendido, com tanto que não seja contra a salvação da sua alma, e seja trabalho honesto.» Que era êste o modo de obrar dos minoritas, vê-se confirmado pelo que a legenda nos legou a propósito de Fr. Gil; de quem narra as seguintes anedotas, que constituem outros tantos traços característicos da sua fisionomia moral.

⁽¹⁾ Esta pia existia ainda há bem poucos anos; desapareceu, porém, resultando inúteis as pesquisas que para encontrá-la foram feitas.

⁽²⁾ *Historia Seraf. dos Frad. Men. da Prov. de Port.*, cap. 40, 3.

«Com destino à Terra Santa, conta Fr. Leão, chegou um dia Fr. Gil a Brindisi; não encontrando embarcação que o transportasse, teve de permanecer alguns dias naquela cidade. Para os não passar em ociosidade, pediu de esmola uma cântara, foi à fonte enchê-la de água, e ei-lo como qualquer vendedor ambulante a gritar: *Chi vuol dell'acqua*, — quem quer água! — recebendo em troca pão e outras coisas que lhe eram necessárias.

«Outra ocasião foi a um canavial, cortou canas, fêz uns cestos que vendia em troca de pão, não querendo nunca dinheiro.

«Ajudava a enterrar os mortos; e em paga deram-lhe uma vez dois hábitos, um para êle, outro para o irmão companheiro.

«No tempo que estive em Roma, costumava ouvir missa, de manhã muito cedo; depois partia para o monte, à lenha. Quis certa dama romana dar-lhe mais elevado preço do que valia o feixe, atendendo a que Gil era religioso. Ele, porém, negou-se a recebê-lo, dizendo que temia cair no pecado da cobiça.»

*

Quando nem serviam nos hospitais, nem trabalhavam em trabalho manual, lançavam-se na prègação das verdades eternas, por aquella forma directa, ardente e despreocupada, que vimos ser o género cultivado por S. Francisco.

Os ecos da eloquência de S. Gualter chegaram, pôsto que atenuados na prosa lhana e objectiva dos primeiros historiadores da Ordem, aos ouvidos do P.ª Esperança, que os repete assim:

«No remedio das almas era tanto o seu zelo que andava pelas ruas ensinando doutrina; & se achava occasião de prègar, nos mesmos lugares soltaua logo a voz, que fazia estremecer, & discursando pelo thema do Baptista *pœnitentiam agite: fazei peccadores penitencia*: com tanto espirito falava, que os ouintes pediam perdão a Deos & se desfazião em lagrimas. Se algum obstinado nem com estes sermões publicos, nem com auizos secretos emendava sua vida, diante de todos o reprehendia co aquella liberdade, que tem os prè-

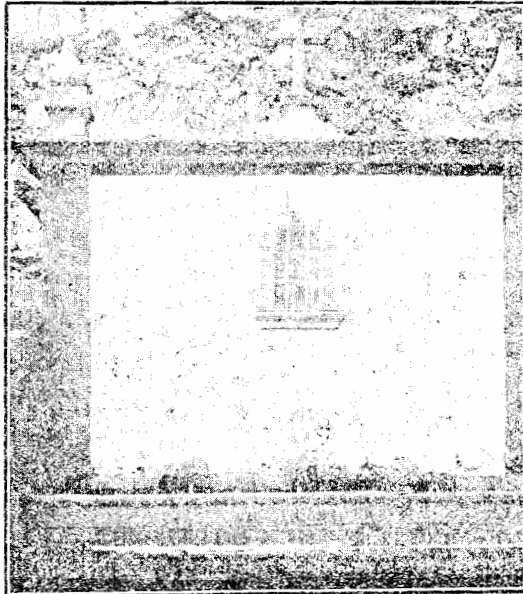
gadores zelosos. Outras vezes entrava por suas casas gritando, como trombeta do ceo, que fizessem pè atrás senão, que no inferno pararia seu caminho." (1)

Concordam perfeitamente estes dizeres de Esperança com o que já conhecemos da prègação dos Frades Menores. Confirma o que já escrevemos, além dos testemunhos aduzidos, o capítulo XXX das *Fioretti* que é também uma prova do fruto maravilhoso que essa prègação, não raro, produzia.

(Continua).

T. G.

(1) *Hist. Seraf.*, liv. I, cap. 47.



FONTE SANTA OU DE S. GUALTER (GUIMARÃES)
NO ESTADO EM QUE ACTUALMENTE SE ENCONTRA.